



**AMOR INTERIOR:  
reflexões sobre uma experiência virtual**

**AMOR INTERIOR:  
reflexiones sobre una experience virtual**

**INNER LOVE:  
reflections on a virtual experience**

**Gabrielle Gomes do Vale<sup>1</sup>  
Luís Carlos Candido Souza<sup>2</sup>  
Vanéssia Gomes dos Santos<sup>3</sup>**

**Resumo**

O presente artigo se debruça sobre um processo criativo desenvolvido em distanciamento devido às medidas restritivas de combate à pandemia da covid-19, em 2021. O trabalho busca fazer cruzamentos entre a temática abordada pela obra em processo: a importância do amor para a população negra, e as possibilidades criativas encontradas no ambiente virtual, buscando trabalhar o dispositivo intimidade. Como referências principais, temos o texto “Vivendo de amor”, de bell hooks, e o conceito de experiência tecnovivial de Jorge Dubatti.

**Palavras-chave:** dramaturgia, intimidade, novas mídias, processo criativo, tecnovívio

**Resumen**

Este artículo se centra en un proceso creativo desarrollado a distancia debido a las medidas restrictivas para combatir la pandemia del covid-19, en 2021. El trabajo busca hacer cruces entre el tema abordado por el trabajo en proceso: la importancia del amor por el población negra, y las posibilidades creativas que se encuentran en el entorno virtual, buscando trabajar la intimidad del dispositivo. Como principales referencias tenemos el texto “Vivendo de amor”, de bell hooks, y el concepto de experiencia tecnovivial de Jorge Dubatti.

**Palabras clave:** dramaturgia, intimidad, nuevos medios, proceso creativo, vida tecnológica

---

<sup>1</sup> Atriz, produtora cultural e graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC) [gabriellegvale@gmail.com](mailto:gabriellegvale@gmail.com).

<sup>2</sup> Encenador e ator. Mestrando PPGARTES - UFC. Pesquisa em andamento. Área de estudo: poéticas da criação e do pensamento em artes. Orientadora: Thereza Rocha. [luiscarlosshinoda@alu.ufc.br](mailto:luiscarlosshinoda@alu.ufc.br).

<sup>3</sup> Atriz, Doutoranda em Teatro PPGT - UDESC. Pesquisa em andamento. Área de estudo: atuação teatral. Orientador: André Carreira. [vanessiagomes@gmail.com](mailto:vanessiagomes@gmail.com).

### Abstract

This article focuses on a creative process developed at a distance due to restrictive measures to combat the pandemic of the covid-19, in 2021. The work seeks to make crosses between the theme addressed by the work in process: the importance of love for the black community, and the creative possibilities found in the virtual environment, seeking to work the intimacy device. As main references, we have the text “Vivendo de amor”, by bell hooks, and the concept of technovivial experience by Jorge Dubatti.

**Keyword:** dramaturgy, intimacy, new media, creative process, techno-living

\* \* \*

## 1 Introdução

Este artigo pretende desenvolver reflexões sobre o processo criativo do experimento virtual intitulado “Amor interior: uma experiência sensorial”, da artista Gabi Gomes, com direção de Luis Carlos Shinoda. A pesquisa se debruça no cruzamento do texto “Vivendo de amor”, da escritora afroamericana bell hooks<sup>4</sup>, com a trajetória pessoal da atriz, por meio de experiências partilhadas pelo ambiente virtual, nas redes sociais (whatsapp e instagram).

A pensadora estadunidense tem uma trajetória extensa se debruçando na temática do amor. Por meio de seus escritos, nos apresenta o amor como algo que ultrapassa um sentimento e que se concretiza quando o encaramos como uma ação, libertando-o das ilusões românticas. Em obras como a “Trilogia do amor”, composta pelos livros “Tudo sobre o amor: novas perspectivas”<sup>5</sup>, “Salvação: pessoas negras e amor”, e “Comunhão: a busca feminina pelo amor”, publicados nos Estados Unidos respectivamente em 2000, 2001 e 2002, a autora ressalta a importância de encontrar uma definição para o termo, possibilitando uma consciência maior acerca do tema, o entendendo como uma construção. É por esse viés que dialoga a criação de “Amor interior”.

O processo surge da busca de tratar do amor, não por um ponto de vista banalizado, mas como ação e transformação, especificamente para pessoas negras. Na pesquisa, se inserem contribuições da obra “Vivendo de amor”, eixo central da abordagem, com recursos autobiográficos da atriz Gabi Gomes. Assim, encaramos aqui

<sup>4</sup> Pseudônimo de Gloria Jean Watkins escrito com iniciais minúsculas por desejo da própria autora: “O mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”.

<sup>5</sup> A obra foi traduzida e publicada recentemente no Brasil, em dezembro de 2020, pela Editora Elefante. As demais obras da trilogia ainda não apresentam uma publicação nacional.

tal debate como um ato político e necessário para superar opressões sociais, pois como nos traz a feminista:

Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. [...] A vontade de amar tem representado um ato de resistência [...] (HOOKS, 2010, p. 01)

Enfrentando um contexto pandêmico, provocado pela covid-19 em 2020 e 2021, tivemos a necessidade de operar poeticamente por meio de outros dispositivos. Com isso, fomos descobrindo e experimentando possibilidades cênicas em processos criativos virtuais, com investigações por meio das tecnologias e das mídias - celulares, computadores, câmeras, plataformas de videoconferência e redes sociais. Para dialogar com o processo de criação e as possibilidades encontradas no virtual, estabelecemos relações com os conceitos de teatro, convívio e tecnovívio discorridos por Jorge Dubatti (2011), que explica:

Chamamos convívio ou acontecimento convivial a reunião, de corpo presente, sem intermediação tecnológica, de artistas, técnicos e espectadores em uma encruzilhada territorial cronotópica (unidade de tempo e espaço) cotidiana (uma sala, a rua, um bar, uma casa, etc. no tempo presente).

[...]

O tecnovívio é a cultura vivente desterritorializada pela intermediação tecnológica. Distinguimos duas grandes formas de tecnovívio: o tecnovívio interativo (o telefone, o chat, as mensagens de texto, os jogos em rede, o *skype*, etc.) e o tecnovívio monoativo, no qual não se estabelece um diálogo de ida e volta entre duas pessoas, mas a relação de uma ou de um grupo de pessoas com um objeto ou dispositivo cujo gerador se ausentou. (DUBATTI, 2011, p. 19-20, 22)

Durante o período pandêmico, com a forte curva ascendente de contaminação pela covid-19 no nosso país e em nosso estado (Ceará), os espaços artísticos tiveram que suspender suas atividades. Os edifícios teatrais tiveram que fechar suas portas. O contato teve que ser evitado o máximo possível. No período de investigação criativa em torno desse trabalho, em agosto de 2020, com a exposição virtual, e entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021, com o experimento sensorial, tivemos como escolha criativa não apostar no espaço de “convívio” ou “acontecimento convivial” (DUBATTI, 2011), cuja premissa se dá no encontro de corpo presente sem a intermediação da tecnologia. Vale ressaltar que as medidas imprescindíveis de isolamento social adotadas como estratégia para o combate à pandemia da covid-19 provocaram e impulsionaram, como única saída criativa, o acesso às redes e à produção voltada ao ambiente digital (novas tecnologias).

O experimento sensorial “Amor interior” teve como premissa uma ação que se desenvolve pelos ambientes virtuais. Percebendo as possibilidades que nos afetaram durante a produção pelo meio virtual, percebemos que, para nós, a proximidade entre os envolvidos era de suma importância. A partir de Dubatti (2011), a nossa investigação criativa partiu desse desejo pelo “tecnovívio”, relação intermediada pela tecnologia, tanto na sua produção *monoativa* quanto *interativa*, como fora mencionado acima.

Como, devido à necessidade gerada por uma pandemia em escala global, esses conceitos podem ser explorados? Partindo de um processo de criação que busca se utilizar das plataformas, principalmente instagram e whatsapp, pretendemos entender e experienciar uma relação de intimidade com o público, mesmo que com o intermédio tecnológico.

Entendemos a intimidade aqui como um dispositivo que une a temática da partilha virtual “Amor interior” com os aspectos técnicos da montagem - um processo criativo que se debruça neste dispositivo e pretende também estabelecer com o público uma atmosfera de intimidade, tão importante para as discussões aqui presentes.

## **2 Amor interior - primeira experiência**

### **2.1 Relato da atriz**

Me pego escrevendo esse texto no meu quarto bagunçado com a música AmarElo<sup>6</sup> ao fundo e o trecho “Tenho chorado demais, tenho sangrado p’ra cachorro. Ano passado eu morri, mas esse eu não morro” ecoando. Final de 2020, um ano tão atípico, que ainda é presente, sem certezas sobre o próximo ano.

Mesmo com todas as dores coletivas gestadas em 2020, pudemos ver uma fortaleza de artistas produzindo novos materiais e desbravando as plataformas digitais, em busca de continuar trabalhando, descobrindo novas potencialidades no tempo de agora. De alguma maneira, a dor desses dias incontáveis de perdas foi cenário para as nossas obras. Planejamentos desfeitos, trabalhos desmarcados, distanciamento das nossas redes de afetos e, a pior das perdas, a perda de pessoas. Para aumentar o dissabor, um governo que parece tripudiar de tudo. No entanto, permanecemos criando.

---

<sup>6</sup> Canção de Emicida, rapper, cantor e compositor brasileiro, de álbum homônimo (2020), com refrão da música “Sujeito de Sorte”, do cantor e compositor Belchior.

A criação veio como uma maneira de preservar a saúde mental e nos alimentar literal e metaforicamente.

Em julho deste ano (2020), tive, na família, um grave problema de saúde. Meu avô precisou ser internado às pressas por causa de um segundo AVC. Nós, que estávamos isolados desde março, nos vimos obrigados a estar em um ambiente no qual poderíamos sair contaminados pela tão temida covid-19. Como minha família é pequena, tivemos que nos revezar entre poucos como acompanhantes de meu avô. Sendo assim, durante um mês inteiro, muitos dos meus dias foram dentro de um hospital.

Nesse tempo que passei no hospital, nos instantes em que meu avô dormia, eu me entregava a algum vídeo ou a alguma leitura. Um dia, uma grande amiga me enviou um texto, via whatsapp, que disse ter lembrado de mim ao ler. Era um texto que eu já tinha nos meus arquivos, mas não o tinha lido ainda, e ali me pareceu o momento certo, como um sinal. Então, no meio do turbilhão de emoções que eu estava sentindo, consegui um instante para lê-lo ao som de equipamentos de monitoramento cardíaco e outras interferências comuns em um leito hospitalar. O texto era “Vivendo de amor”, da bell hooks, feminista negra afroamericana.

Li as duas primeiras frases do texto: “O amor cura. Nossa recuperação está no ato e na arte de amar.” Precisei dar uma pausa. As frases não paravam de ecoar na minha mente. Minhas relações começaram a passar na cabeça como um filme acelerado: família, amigos, amores; infância, adolescência e a confusão que estava sendo emocionalmente a fase adulta. Eram sensações e lembranças desordenadas: aqueles dias os quais eu tive que fingir que estava forte, que algo não tinha me magoado, aquelas inúmeras vezes em que eu não soube falar nem entender o que estava sentindo, as situações em que engoli sozinha um sentimento amargo de preterimento, as tantas ocasiões em que eu não soube a hora de ir embora e olhar para mim com mais cuidado. Duas frases, uma vida inteira. Como essas experiências que eu havia tido poderiam se encaixar nessa cura?

Logo depois, continuei a ler o texto e, a cada seção, eu fui me reconhecendo ali, com minhas subjetividades, e pensando nos meus irmãos e irmãs mundo afora. Eu tinha o desejo de conhecer o que era esse amor que falava a bell. O amor que era intenção e ação e que é tão importante, sobretudo, para a população negra. Esse amor que começa dentro da gente e que é primeiro para nós, o que alguns chamam de amor próprio, mas a

autora ressignifica para amor interior "porque a palavra 'próprio' é geralmente usada para definir nossa posição em relação aos outros". E, quando se é negro, quem quer definir nossa posição é a branquitude. A partir desse amor e cuidado conosco é que conseguimos estar em relação com o outro e também amar alguém.

Como um quebra-cabeças sendo montado, ao fim da leitura, lembrei de umas fotos que eu havia feito dias antes. Em um domingo que não precisei ir ao hospital, acordei cedo e busquei uma maneira de me conectar comigo. Levei alguns elementos para o jardim de casa e, com um tripé e um celular, comecei a experimentar. Eu me sentia fragilizada, estava vivendo processos difíceis, e queria guardar a minha imagem, ali, longe de tudo, entregue ao sol da manhã e à minha respiração.

Assim, no fim de julho (2020), surgiu a ideia da exposição virtual "Amor interior", composta por autorretratos meus acompanhados de trechos do texto "Vivendo de amor". Decidi compartilhá-la com as pessoas em agosto, mês que faço aniversário, no meu instagram @amordegabi, como forma de marcar o início de mais um ciclo e não esquecer o que realmente importa. Uma publicação por dia, na primeira semana do mês que nasci.

Figura 1 - Primeira postagem da exposição "Amor interior"



Fonte: <<https://www.instagram.com/p/CDWd8DLIYII/>>

Nas fotos, eu estava vestida como acordei, compartilhando minha intimidade, no jardim de casa, com elementos que eram significativos naquele momento: um espelho, refletindo minha imagem, carregada de tudo o que trago no interior de mim, desarmada, vulnerável; e telhas, simbolizando amparo, proteção, minha casa. Em algumas fotos, vemos o céu e, em outras, o chão, ambos com toda a sua imensidão, força e leveza, tão distantes e aqui tão próximos. Sobre as imagens, temos o título de cada seção do texto, ao todo sete. Nas legendas, trechos do texto e um pequeno depoimento meu sobre a série de autorretratos. A ação foi toda desenvolvida em isolamento, durante a pandemia da covid-19.

Uma semana de postagens e de conversas com pessoas que, de alguma maneira, se sentiram tocadas pela partilha. Essa ação deu início a uma pesquisa que une minha vida, minha trajetória - e possivelmente a de outras pessoas negras, principalmente mulheres, de modo coletivo - e o meu trabalho. A partir dela, surgem desejos de outros modos de compartilhamento, como a que se dedica esta escrita - um experimento virtual e sensorial intitulado também “Amor interior”.

Figura 2 - Última postagem da exposição virtual “Amor interior”



Fonte: <<https://www.instagram.com/p/CDjirwoFem2/>>

## 2.1 Relato do diretor - Tecnívio monoativo: uma primeira experiência de “Amor interior”

O ambiente digital se tornou espaço de criação para muitos artistas e teve bastante efervescência durante o período de isolamento social por conta da pandemia da covid-19 que, em março de 2021, completa um ano no Brasil, ainda com alto índice de contaminação e óbitos. Porém, vale ressaltar a negligência da atuação do Ministério da Saúde e do Governo Federal no combate à pandemia do ano de 2020 até o presente momento. A ausência de medidas estratégicas para a saúde da população foi resultado de um governo que zombou da doença, subestimou os riscos de contágio e deslegitimou a ciência.

Atualmente, no momento da escrita deste material, em fevereiro de 2021, já somam-se, infelizmente, mais de 250 mil mortes no Brasil (<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/02/24/brasil-ultrapassa-250-mil-mortes-causadas-pela-covid-19>). E a produção, distribuição e aplicação de vacinas no território nacional, estados e municípios, ainda está muito longe de atingir a meta pelo menos dos grupos prioritários da população brasileira.

Dentre as produções artísticas feitas nesse contexto, a série de postagens “Amor interior”, desenvolvida em meio às medidas de isolamento social no país, da artista e pesquisadora Gabi Gomes, ecoou gestos de afago e carinho nas redes, especificamente, pelo aplicativo digital Instagram. Transformando em uma espécie de aquilombamento virtual como uma ação potente de uso das tecnologias, a série com autorretratos da artista provocou desdobramentos e reflexões nas pessoas que se dispuseram a embarcar na sequência de *posts* e mergulhar em sua performance. A força visual de cada autorretrato acumulou sensações que transbordaram em partilha sensível no público.

A intimidade, dispositivo tão potente da performance da artista Gabi Gomes em sua primeira ação performativa, nos interessou enquanto provocação estética, poética e política. A partir desta iniciativa, pensamos: como criar outros desdobramentos e partilha de intimidade pelo ambiente virtual e suas tecnologias partindo da temática do amor para a população negra? O interesse foi o de mobilizar intimidades utilizando plataformas das redes e tecnologias digitais como pontes de afeto e encontro.



### 3 Amor interior - uma experiência sensorial

Durante o mês de janeiro de 2021, aconteceu a partilha virtual “Amor interior - uma experiência sensorial”. Para participar da partilha, o público precisava agendar antecipadamente, por meio de um formulário do google, preenchendo algumas informações pessoais e respondendo à pergunta se era ou não autodeclarado negro. Depois dessa primeira ação, um produtor entrava em contato para agendar o dia e horário da experiência e também repassar orientações para que o público pudesse se preparar para a participação. Cada momento de “apresentação” consistia em uma troca entre a artista Gabi Gomes e uma única pessoa agendada, durando entre 30 e 45 minutos.

O percurso funcionou como uma conversa, orientada por um roteiro dramático desenvolvido no processo, e foi composto por um contato via whatsapp, uma ligação, um *link* com o instagram e o envio de uma música. Ao final, os participantes eram estimulados a escreverem uma carta para a artista, socializando palavras não-ditas ou impressões sobre o que presenciaram. Portanto, o público aqui não é encarado de modo passivo, mas existe uma participação direta e ativa na obra, trabalhando aspectos relacionais.

Na dramaturgia desenvolvida, buscou-se fatos acontecidos na infância de Gabi Gomes, principalmente com recortes de raça e gênero, resgatando a relação da mãe e do pai, fazendo questionamentos sobre o amor recebido pelas mulheres de sua família e refletindo sobre como todas essas vivências influenciam nas relações atuais, em relacionamentos familiares, amorosos e amizades. Por meio de confidências presentes no discurso e também no tom utilizado para emití-lo, o dispositivo da intimidade foi sendo desenvolvido. Assim, foi construída uma relação bilateral, fazendo com que o público pudesse compartilhar também histórias pessoais que dialogavam com memória, ancestralidade e relacionamentos.

Além do recurso de fazer um relato íntimo, o roteiro também lançava perguntas que poderiam ser respondidas pelo público, como podemos observar na seção a seguir.

### 3.1 Roteiro final

partilha virtual  
**AMOR INTERIOR**  
 uma experiência sensorial

#### Roteiro

*(Entra em contato com a/o participante por mensagem no app whatsapp)*

Oi. *(Aguarda resposta do público)*

Aqui é a Gabi, da partilha virtual Amor interior.

Que bom te ter comigo hoje.

Tá tudo caminhando relativamente bem por aí? *(Aguarda resposta do público)*

Esse é um processo de partilha que busca algumas experimentações e descobertas.

O trabalho se inicia do desejo de pensar a importância do amor para as pessoas negras.

É sobre mim e talvez seja sobre você também.

**Posso te ligar? *(Aguarda resposta do público)***

*Liga por telefone para o/a participante*

Oi, fulano. Me chamo Gabi. Sou artista residente de Fortaleza-Ceará. De onde você fala?

Eu queria que a gente ficasse junto aqui e nas plataformas (instagram, whatsapp)

durante mais ou menos uns trinta minutos, pode ser? Quero conversar com você e

contar algumas coisas que aconteceram na minha história, tá? Não sei como vai ser esse

percurso do início ao fim, mas quero que a gente descubra junto. Você faria uma coisa

comigo? Que tal sentirmos os pés no chão, descalços?

2020 foi uma confusão, né? Eu ainda me sinto meio presa nele. Acho que muitas pessoas.

Mas foi também 2020 que me trouxe até aqui. Eu me vi um pouco perdida. Com muitas

perguntas sem respostas. Eu comecei a repensar minhas relações afetivas. Amor?

Comecei até a achar que isso não era pra mim.

Ao pensar minhas relações afetivas, eu pensei muito nas mulheres da minha família. Será que elas foram realmente amadas? E o mais importante: será que elas realmente se amaram?

Agora me conta...

### **Como você veio parar aqui?**

*aguarda resposta do público*

### **E no mundo, como você veio parar no mundo? De que história você nasceu?**

*aguarda resposta, conversa*

Eu nasci em uma segunda-feira, num horário que divide a manhã da tarde. Talvez por isso eu seja uma pessoa tão do dia, dos começos de semana. Era 17 de agosto de 1992, quando eu senti pela primeira vez a sensação de rompimento. Agora imagina como é estar envolta, protegida, aquecida antes de ser entregue às luzes e ruídos tão comuns e, por vezes, tão desesperadores a que somos lançados todos os dias. Eu nasci em Belém do Grão Pará, a cidade que é praticamente sinônimo do surgimento desse país. Ser mulher, negra, do norte e do nordeste constrói quem eu sou.

### **O que constrói quem você é?**

*aguarda resposta do público*

Eu moro em Fortaleza desde antes dos dois anos de idade. Minha mãe e toda a minha família por parte de mãe são do Pará. Já a minha família paterna é daqui do Ceará. Meus pais ficaram juntos por pouco tempo, eu nem sei ao certo quanto. Até hoje minha mãe fala com um pouco de amargura dessa história e no final emenda com “mas eu já superei, filha”. Eu peço licença à minha mãe pra falar um pouco dela também. Minha mãe é uma mulher, negra, forte como todas as outras precisam ser, que fez muitos sacrifícios pelo o que ela acreditava ser amor. Deixou um casamento, acabou sendo afastada por um tempo dos dois filhos que já tinha, se mudou de estado pra seguir meu pai e viver a

história que ela sonhou. E foi tudo muito intenso, avassalador. Viajaram juntos. Construíram uma casa juntos. Viveram juntos. Mas acabou. Minha vó, mãe do meu pai, conta que ele era muito jovem e tinha saído de casa para trabalhar na Marinha. Por isso, passou uns tempos no Rio de Janeiro e no Pará. E nessa última viagem conheceu minha mãe. Jovens, começaram a namorar e depois de um tempo eu nasci sem ser planejada. Meu pai largou a Marinha (até hoje minha vó fala isso com tristeza) e minha mãe e meu pai vieram morar aqui em Fortaleza e, pra resumir a história, a relação dos dois depois de pouco tempo parou de funcionar. Meu pai até se apaixonou por outra mulher, com quem ele tá até hoje, e minha mãe voltou pra Belém. Eu fiquei com minha avó, mãe do meu pai. A pessoa que eu mais amo nesse mundo todo, mas que eu nunca entendi como fiquei morando com ela.

Tá, mas essa é uma outra questão dessa história cheia de lacunas na minha cabeça. Vamos deixar mais pra frente ou pra um outro momento, tá?

O fato é que com essa e outras histórias de relacionamentos não muito positivos para minha mãe e pensando em todos os esforços dela, que hoje resultam em um cansaço visível, mas disfarçado, eu pensei: será que eu tô repetindo essa história, entrando nesse ciclo? Eu tô sustentando as mesmas dores das mulheres da minha família?

Pode ser que eu fique falando muito. Então qualquer dúvida ou outra coisa que você queira falar, pode me parar, certo? Ah, e se em algum momento eu entrar em algum território que não lhe faça bem, você me avisa?

**Você mora com alguém?** Eu moro hoje ainda com meu avô e minha avó. Em julho do ano passado, meu avô teve um segundo AVC e se viu passando por um processo de internação às pressas. Como minha família é pequena, tivemos que nos revezar entre poucos como acompanhantes dele. Então, durante um mês inteiro, muitos dos meus dias foram dentro de um hospital.

Lá no hospital, pra passar o tempo, eu lia ou assistia algo. Um dia eu lembrei de um texto que uma grande amiga me enviou pelo whatsapp e disse ter lembrado de mim ao ler.

Era um texto que antes eu já tinha nos meus arquivos, mas não o tinha lido ainda, e ali me pareceu o momento certo, como um sinal. Então, no meio do turbilhão de emoções que eu estava sentindo, consegui um instante para lê-lo ao som de equipamentos de monitoramento cardíaco e outras interferências comuns em um leito hospitalar. O texto era “Vivendo de amor”, da bell hooks, feminista negra afroamericana.

“O amor cura. Nossa recuperação está no ato e na arte de amar.” As duas primeiras frases do texto não paravam de ecoar na minha mente. Minhas relações começaram a passar na cabeça como um filme acelerado: família, amigos e, principalmente, os meus relacionamentos amorosos. Pensei na adolescência e na confusão que estava sendo emocionalmente a fase adulta. Eram sensações e lembranças desordenadas: aqueles dias os quais eu tive que fingir que estava forte, que algo não tinha me magoado, aquelas inúmeras vezes em que eu não soube falar nem entender o que estava sentindo, as situações em que engoli sozinha um sentimento amargo de preterimento, as tantas ocasiões em que eu não soube a hora de ir embora e olhar para mim com mais cuidado. Duas frases, uma vida inteira. Como essas experiências que eu havia tido poderiam se encaixar nessa cura? Será que de alguma maneira eu tava repetindo e revivendo as dores de minha mãe?

Eu posso te encontrar no whatsapp? Eu quero te mostrar uma coisa.

### **No whatsapp**

*Envia link da foto da mãe do instagram.*

*<https://www.instagram.com/p/CGvM5FoF1V5/>*

Dizem que eu sou a cópia dela rs

Até no jeito.

Na minha infância, a gente só se comunicava por cartas. Você já enviou alguma carta? Você me escreveria uma carta quando a gente terminar dizendo qualquer coisa que você queira ou precise dizer? Do tamanho que você quiser. Só quero te ler.

### *Manda áudio*

No meu último relacionamento, com um homem negro, eu cheguei a pensar que todo o amor que eu sentia de alguma maneira não estava sendo acolhido. Eu não entendia e me

frustrava porque sabia que entre nós tinha algo especial, uma identificação. Com um afastamento que durou quase todo 2020 e depois de um tempo me olhando com mais carinho, muita coisa que li do que dizia a bell hooks começou a se encaixar. A importância de entendermos nossas necessidades individuais, nossas necessidades emocionais. Sobretudo, enquanto pessoas negras.

*Envia trecho do texto da bell*

“O sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar. Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor.” (bell hooks)

*Manda áudio*

Quando eu li isso, uma peça do quebra-cabeças se encaixou até mesmo a respeito da minha relação. Muitos de nós achamos que não merecemos amor, então é possível que rejeitemos qualquer sinal dele. Fulano, como você descobriu que merece todo carinho do mundo?

*Escreve*

A gente tá caminhando para o fim. E eu não posso terminar de outra maneira que não seja com mais palavras da bell.

*Envia trecho do texto da bell*

“Quando experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura.”

Obrigada por ter estado comigo. Aguardo sua carta, tá? Pode me mandar por aqui. Queria que você escrevesse escutando essa música.

*Envia Felling Good, da Nina Simone.*

<https://youtu.be/PawIAT8dq20>

[https://open.spotify.com/track/6Rqn2GFlmvmV4w9Ala0I1e?si=N\\_Z10AgfSaCczY93Ovq4Iw](https://open.spotify.com/track/6Rqn2GFlmvmV4w9Ala0I1e?si=N_Z10AgfSaCczY93Ovq4Iw)

<http://www.deezer.com/track/709830092>

*Envia foto da exposição com as palavras “O amor cura”.*

### **3.2 Relato da atriz**

O momento das partilhas virtuais fez confirmar algo que tínhamos sentido durante o processo criativo: cada partilha é única. Dependendo do nível de intimidade construída e da abertura dos participantes ao encontro, os relatos divididos poderiam chegar a níveis muito profundos de entrega. Algumas temáticas que surgiram das conversas foram: autoaceitação e aceitação pela família da sexualidade, falta de acolhimento, relacionamentos abusivos, carência de amor próprio, autoconhecimento, perdas, luto. Como participantes, tivemos um público formado por 70% mulheres e, destas, 64% eram negras. Dentre as mulheres negras, muitas similaridades foram encontradas. Encontramos relatos, por exemplo, sobre o medo da solidão. Muitas dessas mulheres contaram que, em determinado período da vida, se viram aceitando qualquer tipo de relacionamento amoroso que lhes era oferecido. Uma delas disse que ver, primeiro na infância, todas as princesas brancas encontrando um príncipe e tendo um final feliz e, depois na adolescência, as garotas também brancas recebendo atenção, admiração e sendo cortejadas, fez com que ela tivesse medo de essas experiências não serem possíveis para uma mulher negra. Assim, a saída encontrada era dizer sim para o menor sinal de afeição encontrado.

Outro relato bastante comum entre as mulheres negras participantes, que é também um cruzamento com a vida da artista, foi o fato de o primeiro relacionamento ter acontecido, quando eram adolescentes, com um homem já adulto. Tal fato nos faz refletir sobre meninas em situação de vulnerabilidade emocional, e que ainda não

tinham tanta maturidade, serem ludibriadas por homens mais experientes, mais velhos. Algumas relataram sobre o fato de esses homens não as apresentarem às famílias e aos amigos.

Embora o ambiente virtual possa muitas vezes gerar um distanciamento, percebe-se que alguns recursos podem ter contribuído com uma aproximação entre as partes envolvidas na partilha, colaborando com um ambiente relacional e construindo uma relação de intimidade.

### **3.3 Relato do diretor - Tecnívio interativo: uma segunda experiência de “Amor interior”**

Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é matéria que este tempo que vivemos quer consumir. (KRENAK, 2019, p.32)

Buscando encontrar dispositivos que possam caminhar para uma possível experiência interativa, nos permitimos olhar para dentro. O que podemos contar de nós mesmos e que possa dizer também respeito ao outro? Quais experiências de subjetividades que perpassam nossa existência podemos partilhar? Tais reflexões perpassam o fio condutor da dramaturgia.

O professor e ambientalista Ailton Krenak (2019) nos preenche de sabedoria quando propõe ideias para adiar o fim do mundo no sentido de sempre ser possível contar uma nova história, principalmente a pensar nesse mundo de consumo das nossas subjetividades. Assim, fomos caminhando e aguçando o olhar para essas subjetividades e experiências. O trabalho se tratava de uma partilha de autocuidado, com registros autobiográficos de memórias trazidas pela artista Gabi Gomes, no qual o desenho dramático foi sendo construído nessa busca interior e pessoal do que contar. Por fim, foram desenvolvidas proposições dramáticas, rascunhos, escritos como dispositivo de jogo e experimentação construídos durante o processo.

As primeiras proposições dramáticas surgiram após os primeiros encontros, partindo do meu contato com a história da própria atriz em relação ao seu nascimento e sua infância. Me inquietava a história do seu nascimento e também como ela estabeleceu morada em Fortaleza-CE. Gabi Gomes nasceu em Belém-PA, lugar onde mora sua mãe, e seu pai é de Fortaleza. Aos sete meses de idade, seus pais a trouxeram para conhecer a



avó paterna, que se apaixonou pela criança, pedindo à mãe para deixá-la sob seus cuidados e criação. Sempre que a artista me contava sua história e como ela veio morar com sua avó um detalhe novo aparecia. Às vezes, ela revelava algo e, em outras, ficava com inúmeras dúvidas. Esse processo de investigação levou até uma conversa entre a atriz e sua avó sobre sua infância. Na dramaturgia de “Amor interior - uma experiência sensorial” (2021), com relatos de Gabi Gomes, destacamos esta situação:

Eu moro em Fortaleza desde antes dos dois anos de idade. Minha mãe e toda a minha família por parte de mãe são do Pará. Já a minha família paterna é daqui do Ceará. Meus pais ficaram juntos por pouco tempo, eu nem sei ao certo quanto. Até hoje minha mãe fala com um pouco de amargura dessa história e no final emenda com “mas eu já superei, filha”. Eu peço licença à minha mãe pra falar um pouco dela também. Minha mãe é uma mulher, negra, forte como todas as outras precisam ser, que fez muitos sacrifícios pelo o que ela acreditava ser amor. Deixou um casamento, acabou sendo afastada por um tempo dos dois filhos que já tinha, se mudou de estado pra seguir meu pai e viver a história que ela sonhou. E foi tudo muito intenso, avassalador. Viajaram juntos. Construíram uma casa juntos. Viveram juntos. Mas acabou. Minha vó, mãe do meu pai, conta que ele era muito jovem e tinha saído de casa para trabalhar na Marinha. Por isso, passou uns tempos no Rio de Janeiro e no Pará. E nessa última viagem conheceu minha mãe. Jovens, começaram a namorar e depois de um tempo eu nasci sem ser planejada. Meu pai largou a Marinha (até hoje minha vó fala isso com tristeza) e minha mãe e meu pai vieram morar aqui em Fortaleza e, pra resumir a história, a relação dos dois depois de pouco tempo parou de funcionar. Meu pai até se apaixonou por outra mulher, com quem ele tá até hoje, e minha mãe voltou pra Belém. Eu fiquei com minha avó, mãe do meu pai. A pessoa que eu mais amo nesse mundo todo, mas que eu nunca entendi como fiquei morando com ela. (GOMES; SHINODA, 2021, p. 02).<sup>7</sup>

Esse momento de descoberta da história pessoal da atriz e sua relação com a infância, suas fotos e outros registros com a mãe e a avó foram essenciais como disparadores para a criação do roteiro. Já nas primeiras experiências, tivemos que buscar o contato com o tecnovívio interativo para entender como este material poderia ser investigado e transformado em partilha virtual, utilizando os recursos tecnológicos dos aplicativos digitais como recurso dramaturgicamente. A dramaturgia foi aprimorada e costurada processualmente à medida que também avançávamos nas discussões a respeito da temática do amor para a população negra, em bell hooks, e atravessadas pelo corpo-memória-negritude do ser mulher da atriz Gabi Gomes.

---

<sup>7</sup> Fragmento da dramaturgia de “Amor interior - uma experiência sensorial”.

#### 4 Conclusão

A experiência de “Amor interior” foi uma tentativa de criar pontes de encontro e afeto pelas redes sociais. Embarcamos na complexidade da relação humana imbricada pelas interações mediadas pela tecnologia. Desta forma, a pesquisa desenvolvida neste processo criativo criou vínculos importantes. Logo, enxergamos como desejo e ação uma investigação pautada em semear a confiança e o autocuidado, temas tão urgentes que, durante a performance de “Amor interior: uma experiência sensorial”, nas noites em que ficávamos horas em contato com os/as participantes, potencializava a cada encontro a autodescoberta. Somos tão gigantes e tão frágeis.

Assim, na experiência, destacamos a importância da palavra “intimidade”. Nesse processo, assumimos a intimidade como poética e como temática. A nossa intenção foi revelar camadas íntimas, na construção da dramaturgia, na dinâmica dos encontros de criação e nas partilhas com o público. Para isso, nos utilizamos de recursos como: ligações, fotografias de família, relatos pessoais, perguntas para o público e, o mais importante, uma escuta ativa no momento da partilha.

É importante destacar que cada sessão era exclusiva. Havia um roteiro para guiar, orientar e estabelecer algumas certezas relacionadas à criação, mas ele era flexível e mutável de acordo com cada participante. Portanto, trabalhar com o risco e com o inesperado é uma escolha inegável desse trabalho. Durante o processo, percebemos que uma analogia fazia sentido: essa criação era como se estivéssemos em alto mar, navegando por mares desconhecidos. Porém, o desejo não era chegar ao outro lado da ilha, mas mergulhar profundamente no oceano de nós mesmos.

#### Referências:

- DUBATTI, Jorge. **Teatro, convívio e tecnívio. Em: Da Cena Contemporânea.** Rio Grande do Sul, p. 12-37, 2011. Disponível em: <[http://portalabrace.org/impressos/4\\_da\\_cena\\_contemporanea.pdf](http://portalabrace.org/impressos/4_da_cena_contemporanea.pdf)>. Acesso em: 06 dez. 2020.
- GOMES, Gabi; SHINODA, Luis Carlos. **Amor interior: uma experiência sensorial**, 2021.
- HOOKS, Bell. **Vivendo de amor**. 2010. Disponível em: <

<http://www.olibat.com.br/documentos/Vivendo%20de%20Amor%20Bell%20Hooks.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.